

A RESTAURAÇÃO

SEMENARIO CATHÓLICO

REDAÇÃO

Sede social da empresa

Rua de D. João I, 13—1.º andar
GUIMARÃES

PROPRIEDADE DA EMPRESA DE «A RESTAURAÇÃO»

Director e administrador — Antonio Luis da Silva Dantas

ADMINISTRAÇÃO

Officinas de composição e impressão

Typographia Minerva Vimaranesense
Rua de Payo Galvão

As doutrinas da Voz de Santo Antonio

MORAL

I

DOCTRINAS COMMUNS NA EGREJA

«Se é licito aos paes mandarem seus filhos a escolas em que haja perigo de perversão.— Não só pode por lei ecclesiastica ser defeso que os fieis frequentem taes escolas, mas estão d'isso prohibidos pela propria lei divina e natural...»

Ojetti, *Synopsis*, v. *Scholae*.

«Se o perigo de perversão não pode de proximo tornar-se remoto, taes escolas não podem *tuta conscientia* ser frequentadas. Nunca pois é licito frequentar essas escolas... quando nellas se ensinam, ou fazem contra a doutrina catholica ou contra os bons costumes coisas, que não possam ouvir-se nem praticar-se sem detrimento da alma. Tal perigo, como é obvio, deve evitar-se de todo (*omnino vitandum est*) com qualquer dano temporal, até da vida.»

Instrução da Sagrada Congregação da Inq. Univ. aos BB. dos Estados Unidos — 24 nov., 1875.
Cf. *Instr. da mesma S. C.* aos BB. gregos unidos — 28 agost., 1900.

«Se os filhos soffrem grave perigo (proximo) contra os bons costumes ou contra a fé... nem aos paes é licito mandarem os filhos, nem aos filhos é licito irem a taes escolas: antes se deve soffrer seja que pena injusta for.»

Lehmkuhl, *Tractat.*, t. I, n. 785, (ed. 1893).

«Peccam gravemente per se os paes que mandam os filhos ás escolas neutras ou leigas, em que se dá educação que prescinde de toda a religião positiva...»

Gury-Ferreres, t. I, n. 376, bis.

«A escola evidentemente má, por causa do ensino do professor, das desordens que nella se passam e toleram, e dos livros nella adoptados, não pode deixar de ser altamente reprovada. Está prohibido aos paes, sob pena de incorrerem em falta grave e de lhes

DOCTRINAS DA "VOZ,"

«Ha catholicos que não mandam os seus filhos para as escolas, nem para os liceus, porque nelles se não ensina a religião e até muitas vezes os professores, esquecidos do seu fim principal, que é o ensino, não perdem occasião de lançar insultos contra a religião e contra os padres, seus ministros. E isto é simplesmente lamentavel....

Mal andariam os pais catholicos que preferissem as escolas sem Deus. Mas no caso de não haverem professores catholicos, nem por isso deviam privar seus filhos do bem incomparavel da instrução, por medo de que eles percam a religião de seus pais. Quem obrasse de modo contrario, mostraria não compreender a missão de educar que a Providencia confia aos pais.»

«Ponhamo-nos porem no caso, tantas vezes certo, de que a escola seja um perigo para os costumes da creança. Ainda neste caso os pais têm o dever de fazer instruir seus filhos, dado que os possam instruir depois religiosamente, porque, perante a sociedade, não lhes seria licito, por um perigo que d'este modo se tornaria mais ou menos ipotetico, privar os filhos de um bem real e verdadeiro, qual é a instrução.»

«Não ha razão nenhuma, segundo o meu modo de ver, que valha contra a necessidade da instrução e por conseguinte contra o dever que os pais têm de subministrar a seus filhos a

serem negados os sacramentos, mandar os filhos a taes escolas, em razão do perigo certo e imminente que ahi tem a fé.»

Arcebispo de Auch, *Carta pastoral*.

EM SUMMA :

1. Difficulta-se extremamente a frequencia das escolas neutras e perigosas.
2. No perigo proximo de perversão de fé ou costumes, qualquer perda temporal, até a da vida, se deve preferir.
3. Contra o dever paterno de instruir os filhos prevalece o perigo proximo de perversão destes.
Por isso luctam na França os bispos e os catholicos. Se o perigo de perversão não *valesse nada e bastasse pôr-lhe ao lado, ou depois, a instrução religiosa, a que viriam taes extremos de combate?*

instrução, segundo as suas posses e segundo o seu estado.»

Voz de Santo Antonio, fev. 1908, pag. 533, 534.

EM SUMMA :

1. Franqueia-se extremamente a frequencia das escolas neutras e perigosas.
2. Não se reconhece *razão nenhuma* contra o dever paterno de instruir os filhos.
3. No perigo, tantas vezes certo, de perversão de costumes, diz-se bastar que *os paes possam instruir depois religiosamente os filhos.*

C. do A.

Confusão

Nesta boa terra de Portugal, onde todos podiamos ser tam felizes, se tivéssemos juízo, vivemos numa lastimosa confusão de ideias, que por seu turno produz uma perigosa indisciplina. Ha empenho em confundir e baralhar principios e opiniões não só por parte dos inimigos da Igreja, mas tambem por parte de muitos que se dizem catholicos e por taes querem passar.

Esta confusão não é nem pode ser favoravel á verdade; mas concorre poderosamente para a diffusão do erro e da mentira.

E onde temos nós uma voz autorizada que se faça ouvir no meio da fallácia descomposta que aí vozeia, e que aponte um rumo seguro a quem se não queira perder?

Não faltam boccas autorizadas que podiam metter ordem na geral confusão e tirar as dúvidas e perplexidades em que muitas pessoas se acham e se atribulam; mas essas boccas estão mudas, não fallam, e por isso nada valem.

Eu pela minha parte, porém, posto que nada valha, nem tenha a minima autoridade, não deixarei de dizer o que se me afigura ser verdade, emquanto não fallarem as autoridades competentes, e em-

bora vá augmentar a confusão.

A politica em Portugal com a proliferação espantosa dos seus partidos e facções é uma babel em que ninguem se entende. E deste estado baralhado e confuso da nossa politica é que tem resultado a nossa decadencia tam pronunciada.

E' preciso, pois, reagir contra aquelles que, em lugar de procurarem aclarar e pôr em ordem principios, systemas e programmas, ainda mais se esforçam por confundir, embulhar e escurecer.

A clareza, a ordem, a estremação de ideias, de principios, de intentos, é uma necessidade que se faça, para que cada um escolha o rumo que mais lhe apraza.

Teimam entre nós alguns em querer que a politica ande separada da religião e em dizer que em Portugal ha partidos meramente politicos. E daqui é que vêm principalmente as confusões, os equívocos, a esterilização da acção catholica.

Ora a verdade que ninguem seriamente é capaz de contestar, é que nunca entre nós andou a politica separada da religião. A nossa politica sempre teve o mau gosto de se metter em coisas alheias á sua esphera; entra nos dominios do espiritual e ecclesiastico com a

sinceremónia de quem entra no que é seu. O provimento dos beneficios ecclesiasticos, o regime dos seminários, o serviço da Bulla, a administração das irmandades, a vida das congregações religiosas, tudo isso tem preocupado a nossa politica e lhe tem dado serios cuidados.

Não cuidará ella do que lhe é proprio, ou não applicará a devida attenção aos negócios do Estado; mas das coisas da Igreja é que ella se não despreocupa.

Entre nós tem andado sempre a politica enlaçada com a religião; por isso não é pedir de mais o pedir que continuem enlaçadas uma e outra, não para a politica dominar a religião e entrar no que lhe não pertence, como até agora, mas para se moralizar e conter nos seus limites, como é justo.

Querer subtrahir a politica ás benéficas influências da religião é querer que ella resvale em todas as immoralidades e baixezas.

Seguem-se aí na prática umas regras de moral que sam a negação de toda a moralidade. Um politico, como politico, entende que tudo lhe é permitido: baixezas, indignidades, vinganças, perseguições, demandas, de tudo isto lança mão sem o menor escrupulo para sustentar a sua influencia, alimentar a sua vaidade ou conquistar grandes posições.

Essas acções, em si consideradas, não têm a menor justificação; não podem ser louvadas de ninguem; mas os politicos louvam-nas, approvam-nas, justificam-nas, porque querem suppor que a politica está fóra do alcance das leis da moral.

E' preciso, pois, fazer-lhes ver que o mal é sempre mal, seja qual fór a côr com que pretendam pintá-lo. Se um crime fór commettido por politica, não deixa de ser um crime e criminoso quem o commetter.

O grande erro da nossa politica está em se enlaçar com a religião em coisas aonde não é chamada, e em se separar della naquillo em que com ella devia estar unida.

P. A.

«Nacionalismo

e

Acção Catholica»

V

Mas, quando o snr. Dr. Abúndio—para provar que se deve aos «exageros dos catholicos envolvidos nas luctas politicas a actual

situação jurídica da Igreja em Portugal) — se refere à luta contra os cartistas, é que se vê até que ponto pode um espírito esclarecido ser obcecado pelo preconceito, e a que extremos de absurdo pode arrastar a necessidade de tirar conclusões segundo a paixão que domina o ânimo.

As reflexões a que se presta o capítulo IV do livro dariam para grosso volume. Reduzi-las-hemos a poucos parágraphos.

O illustre advogado assenta nas seguintes premissas:

1.º—Que «não se pôde crêr que a gente que erguia em seus escudos a periclitante realza do príncipe que usurpára o Brasil á corôa portugueza, tivesse melhór (sic) ou mesmo iguaes sentimentos religiosos, compatada com os legisladores das constituintes de 1822»;

2.º—Que todavia «essa gente era sufficientemente habil para não hostilizar a Igreja, pois bem sabia que hostilizá-la era comprometter, ou pelo menos retardar o seu triumpho»;

3.º—Que os adversários dos cartistas estavam «ao serviço do príncipe que os Três Estados haviam jurado rei»;

4.º—Que só depois que se firmou o throno de D. Pedro é que appareceram os diplomas legislativos que sempre têm sido considerados por mais injustos e tyrânicos contra a Igreja.

E' verdadeiramente coisa de espanto que um homem intelligente, que estabelece taes premissas, ou se queixar-se dos cathólicos portuguezes que não acceitaram de braços abertos o movimento liberal, reservando todas as desculpas para o procedimento dos liberaes.

A abolição dos dízimos, a usurpação de todos os padroados, a extincção dos conventos, e outras violências bárbaras contra a Igreja, sam da responsabilidade dos cathólicos portuguezes que não sympathizavam com os partidários da Carta. Quanto aos liberaes, se alguma coisa fizeram, é porque «foram assim provocados»: as medidas que tomaram contra a Igreja foram inspiradas «por um instincto de defesa».

Nem todos comprehenderam tam facilmente como o snr. Dr. Abúndio com que lógica se possam attribuir aos adversários de D. Pedro as acções commettidas pelos partidários delle. Mas a explicação colhe-se do contexto.

Logo que na arena politica surgiram os partidários da realza de D. Pedro e da Carta por elle outorgada, todos os outros portuguezes deviam renunciar ás suas opiniões politicas; deviam curvar humildemente a cabeça e dar as voltas necessárias ás suas convicções e á sua consciencia, para que nunca apparecesse no seu procedimento exterior a mais leve sombra de discordancia a respeito dos redemptores politicos.

Não fizeram assim? Ousaram ter opinião própria e lutar pelo triumpho das suas ideias? Pois, a juizo do snr. Dr. Abúndio, assumiram as verdadeiras responsabilidades das acções dos seus adversários. A lógica do illustrado auctor tem destas exigencias.

Deu-se mais o caso de que, «nos bispados, nos canonicatos, nas paróchias», o clero era, «na sua grande maioria» partidário «do príncipe que os Três Estados haviam jurado rei»? Pois deviam os bispos, os cônegos e os párochos dar o exemplo de não fazer caso do juramento, arvorando-se em defensores das novas ideias politicas e aplanando-lhes dedicadamente o caminho.

E' certo que o snr. Dr. Abúndio, para tornar menos violenta a conclusão do seu agrado, uma conclusão que condemne «os exagros dos cathólicos envolvidos nas luctas politicas», diz que esses membros do clero «combatiam, em nome da religião, a realza da princeza do Gran-Pará», e que «os cathólicos começaram, por-

tanto, desde logo a sentir as lamentaveis consequencias de patrocinarem um partido politico em nome da Religião».

Ainda suppondo que não haja um grande exagero nestas affirmacões, coadas por um critério tam manifestamente apaixonado da conclusão, perguntamos ao snr. Dr. Abúndio: Parece ao illustre advogado que a opposição do clero ao novo movimento politico seria mais bem succedida, ainda que elle em nada e para nada allegasse motivos de ordem religiosa? Ainda que o clero combatesses os liberaes por motivos exclusivamente politicos, não se julgaria o snr. Dr. Abúndio com o mesmo direito de dizer que «os liberaes foram assim provocados a dar profundos golpes nesse clero que era o nervo da guerra que supportavam»?

E' certo que muitos dos que combatiam os liberaes tinham receio (se fundado ou não dizem-no as premissas do mesmo snr. Dr. Abúndio e vieram os factos a confirmá-lo) das suas ideias em matéria de religião: mas ousará o snr. Dr. Abúndio afirmar que, a não ser esse receio, não houvera a grande maioria do clero — geralmente conservador, como as classes mais graves da sociedade — de fazer tenaz opposição meramente politica ao partido innovador; e que de facto não foi principalmente politica a lucta que os liberaes tiveram de arrostar?

Nem outra coisa era de esperar. Que se desse uma transformação politica como aquella a que nos estamos referindo, sem provocar opposição mais ou menos viva, mais ou menos violenta, mais ou menos duradoira, da parte de muitos dos membros da sociedade, sobre tudo da parte dos elementos mais conservadores, é coisa tam extraordinária, que ninguem a admittiria sem provas evidentes.

E não tinham os partidários do antigo regime, e portanto o clero daquelle tempo, incontestavel direito de preferir as suas ideias politicas ás dos seus adversários?

A verdade é que os liberaes não lho levaram a bem, porque as suas ideias sobre liberdade e os seus processos de convencer os adversários eram semelhantes aos dos liberaes de hoje. Mas, se esses liberaes vibraram no clero e na Igreja os «profundos golpes» de que falla o snr. Dr. Abúndio, fizeram-no porque os seus principios religiosos assim o permitiam: delles é pois a culpa, que não de quem procedia segundo o seu direito.

E o mesmo snr. Dr. Abúndio — que tanto se esmera em avultar as responsabilidades «dos cathólicos envolvidos nas luctas politicas», mas que nem na mesma página se encontra idêntico a si mesmo — reconhece, como acima se viu (premissa 2.ª) que a verdadeira causa das medidas empregadas contra o clero e contra a Igreja foram os principios dos liberaes, e que, se em alguma coisa para ellas concorreram os cathólicos e o clero, foi em se opporem ao triumpho daquelles principios.

Na opinião do snr. Dr. Abúndio, os liberaes não hostilizariam a Igreja enquanto essa abstenção de hostilidades conviesse ao seu triumpho: de modo que o seu triumpho era o fim; a abstenção de hostilidades á Igreja era o meio. Mas uma vez alcançado o triumpho, viriam as hostilidades, porque a temporária abstenção dellas era apenas uma astúcia, ou — para nos conformarmos melhor com a linguagem do auctor — uma *habilidade*.

A principal culpa dos adversários esteve pois em não deixar vingar a *habilidade*, obrigando os liberaes a mostrarem-se desde logo quaes eram e quaes se haviam de continuar a mostrar depois de asseguráo o triumpho.

Ora, se os liberaes cartistas, em matéria de religião, tinham pouco que gabar; se as suas disposições

de não hostilizar a Igreja não passavam duma habilidade para assegurar o triumpho; e, se, assegurado este, as hostilidades continuaram: quem ousará dizer que «se filia logicamente... nos exagros dos cathólicos envolvidos nas luctas politicas a actual situação juridica da Igreja em Portugal»?

«Logicamente»!... E' assim a lógica do snr. Dr. Abúndio. Na questão de que nos occupamos, os cathólicos portuguezes acham-se divididos em dois partidos: uns acceitam sem repugnancia, e votam animosamente, e promovem sem escrúpulo as medidas mais injustas e oppressivas do clero e da Igreja; outros, animados de ideias politicas differentes e desconfiados tambem da fidelidade religiosa dos adversários, combatem-nos quanto podem.

Qual destes partidos será mais culpado na legislação feita pelo primeiro?

Responde a lógica do snr. Dr. Abúndio: o mais culpado é o segundo! Da culpa dos cathólicos que têm formado o primeiro nem falla; pois «a actual crise religiosa de Portugal tem causas historicas e causas politicas: aquellas sam as tendências regalistas...; estas... devem procurar-se na imprudente confusão que se fez da religião e da politica»!

Mas, se convinha ao snr. Dr. Abúndio chegar a esta conclusão como base para ultteriores conclusões, que importava que os factos por elle mesmo allegados a desmentissem, ou pelo menos a não auctorizassem?

(Continua.)

Carta do Porto

E' consolador o movimento, a acção catholica que se observa em todo o país.

A fé vigoriza-se.
A crença enrigesse.
E isto deve-se... aos inimigos da Religião.

A lucta saçode o marasmo em que se tem vivido.

Que brilhante não é esse protesto que se vai erguendo em Portugal contra os insultos dirigidos pelas camarilhas republico-jacobinas contra a Immaculada e excelsa Padroeira do reino.

Nestas manifestações tem-se incorporado muita gente que andava ha annos redia da Igreja.

Mas ficará tudo em festas brilhantes, em discursos calorosos, em milhares de communhões?

Não.
O Porto vai dizê-lo brevemente.

Os nossos inimigos atacam a raiz da sociedade — a infancia. Vam-na pervertendo por meio da escola.

Pode-se orgulhar a *Restauração* de ser o primeiro jornal que dá esta noticia.

A *Palavra* talvez ainda no mês corrente inicie a propaganda da obra a que me refiro.

S. G.

Minúcias

XVII

Jacobinos

Toda a gente sabe o que hoje em dia se entende pela palavra «Jacobinos»; mas ha muito quem ignore que esta palavra tem uma origem santa. Tal é a sorte a que estão sujeitas as palavras

Quando em 1217 os Dominicanos se estabeleceram em Paris, foi-lhes concedida a capella de Sant'Iago, situada na rua que della tomou o nome.

No convento aqui fundado viveram religiosos muito illustres, entre os quaes Santo Thomás de Aquino, Alberto Magno, Pedro de Tarentaise que depois veio a ser o Papa Innocencio IV, etc. A

sua igreja, fundada no século XVI, serviu de sepultura a muitas personagens illustres: nella foram depositados os corações de Carlos de Anjou, de Philippe III, de Philippe V, de Carlos IV, de Philippe VI, etc.

Ora os francezes habituaram-se a dar, na linguagem familiar, aos monges estabelecidos na capella e rua de Sant'Iago, o nome de «Jacobinos» (do nome alatinado daquelle santo = sanctus Jacob): «Fui ontem ouvir missa aos Jacobinos» diz Malherbe.

Depois generalizaram este nome aos religiosos da mesma ordem que viviam nos outros dois conventos que ella veiu a ter em Paris: chamavam-lhes «Jacobinos», em vez de «Dominicanos».

Um destes conventos, situado na rua de Santo Honorato, foi tomado, durante a revolução franceza, para logar de reunião duma sociedade revolucionaria chamada a Sociedade dos Amigos da Constituição. Daf o nome de «Jacobinos», por que estes revolucionarios ficaram conhecidos na historia.

Outras sociedades semelhantes se estabeleceram noutras cidades: e aos seus sócios applicou-se tambem o nome de «Jacobinos», dado aos de Paris.

Os Jacobinos vieram a ser um forte partido politico. Embora em minoria, eram organizados e activos. Pela plebe de Paris dominavam a Assembleia Constituinte, que faziam invadir para a obrigar a votar. Pelos seus partidários das provincias dominavam as assembleias eleitoraes.

Foram os Jacobinos quem derribou o rei, fez proclamar a republica e eleger uma Convenção para exercer toda a auctoridade. Foram assim os auctores da chamada segunda revolução.

Destes revolucionarios passou o nome para todos aquelles que professam ideias analogas ás suas.

De forma que dum santo (*sanctus Jacob*) passou o nome para a capella; da capella, para a rua e para os religiosos que nella se vieram estabelecer; daquelles religiosos, para todos os outros da mesma ordem; destes, para o convento da rua de Santo Honorato; deste, para os revolucionarios da Sociedade dos Amigos da Constituição; destes, para as sociedades semelhantes estabelecidas em França; e destas finalmente, para os... Jacobinos das outras nações.

E agora já não ha de ser facil purificá-lo do mau sentido que lhe deram.

Anecdota historicas

CLXI

Ditos do Sócrates. — Quando alguem fallava mal de Sócrates, o philosopho costumava dizer: «Se o mal que se diz de mim é verdadeiro, o dizê-lo servirá para me corrigir; se não é verdadeiro, então o caso não é commigo, não sou eu aquelle de quem se falla.»

— Quando, em certa occasião, o philosopho tinha de receber em sua casa uns hóspedes, um seu amigo admirou-se de que elle não fizesse maiores preparativos, mas elle respondeu: «Se os meus hóspedes sam homens bons, tenho assás para elles; se não sam bons, tenho demais.»

— Um dia saía um discípulo de Sócrates duma casa de má reputação: mas, avistando seu mestre, recolheu-se outra vez para dentro, a fim de que Sócrates o não visse. Mas o philosopho, que já o tinha visto, aproximou-se delle e disse-lhe: «Meu filho, a vergonha não está em sair dai; o que é vergonha é tornar a entrar.»

— Quando o philosopho foi condemnado á morte, sua mulher

queixou-se da injustica da sentença; mas elle respondeu: «Querias então que eu fosse condemnado com justica?»

CLXII

«*Sou christã!*» — Fugindo ás perseguições de Alexandre, governador de Selencia, que votava aos christãos um ódio implacavel, uma mulher christã, de nome Julita, dirigia-se para a cidade de Tarso. O cruel Alexandre partiu de Selencia no mesmo dia, e seguiu o mesmo caminho que Julita. Mandou-a prender com o pequeno Cyro, seu filho de tres annos, que ella levava ao collo.

«Como te chamas? Donde és? Qual é a tua condição?» lhe perguntou o governador. A todas estas perguntas Julita repete a mesma resposta: «Sou christã.» O governador, irritado, ordena que lhe arranquem dos braços o menino e que batam cruelmente nella.

Elle mesmo tomou o pequeno Cyro. Nada mais amavel do que esta creancinha: a candura da innocencia, que se reflectia em seu rosto, attrahia os olhares de quantos estavam presentes a esta scena. O pequenito estendia os bracinhos para sua mãe, e, repellindo as caricias com que o governador procurava sossegá-lo, brigava com todas as suas forças. Quando Julita, no meio dos tormentos, exclamava: «Sou christã!», o pequeno Cyro repetia logo: «Sou christão!» Alexandre, furioso, toma o tenro innocente por um pé, e bate com elle no chão. O cráneo da innocente victima é quebrado, e o cérebro espalha-se pela terra juntamente com o sangue.

Julita cai de joelhos: «Eu vos dou graças, meu Deus,» exclama «por vos dignardes de dar a meu filho um logar em vosso reino. Dignai-vos de nelle receber tambem a vossa serva, para que ella vos bemdiga para sempre!»

Mal acabara estas palavras, quando algoz lhe cortou a cabeça com o golpe de machado.

CLXIII

Um boi a voar. — Um amigo de S. Thomás disse-lhe um dia a gracejar: «Olha um boi a voar!...» O santo olha para todos os lados a ver se descobre a maravilha de que fallava o seu amigo, emquanto este se ri ás gargalhadas de semelhante credulidade. Mas S. Thomás, encarando-o com ar severo, diz: «Deve acreditar-se mais facilmente que um boi possa voar, do que pensar que uma bocca christã diga mentiras.»

Litteratura

PRELUDIO

Todas as gerações me dirám bem-aventurada.

Luc. I-48.

Disseste-o no Hebron outrora, e cumpre-se, ó Virgem-Mãe! no passado, como agora, como no porvir tambem.

Elevou-te a natureza o seu primeiro cantar, quando por tua belleza Deus a andou a modelar.

Por ti ensaiam os Anjos canções a que Deus sorri... as trombetas dos Archanjos, no ceu, troaram por ti...

Quando chorava de pena pelo edén o rouxinol, ouviu teu nome á açucena e cantou ao pôr do sol!

A's sibyllas e aos poetas iriavas as canções... povoaste a noite aos prophetas de luminosas visões.

A Restauração

O astrónomo de Chaldea divagando no ermo, só, perguntava á lua cheia pela Estrella de Jacob.

Côro immenso respondia nos tentórios de Israel. Depois á terra descia o Anjo S. Gabriel.

Em Nazareth co'a açucena segredava o rouxinol... Já não chorava de pena, cantava de sol a sol.

A Aurora do novo dia aponta cheia de luz; diz a terra:—Ave, Maria!— diz o ceu:—Mãe de Jesus!—

E o grito do ceu e terra sôa em echo perennal, desde os pincares da serra até as flores do val.

Veste-se o monte de ermidas brancas da côr do luar, onde almas de amor feridas procuram seu terno olhar.

Epopeias de granito, ergueram-se as cathedraes arvorando no infinito suas bandeiras reaes!

Cada mosteiro é um psalterio onde vibra o seu amor, cada peito um ermitério de ignorado trovador.

Curvam-lhe o sceptro monarchas, consagram-lhe os seus lauréis com a cithara os Petrarcas, co'a paleta os Raphaelis.

Entre canticos e flores, num santuario de luz, vive a Mãe dos peccadores, a casta Mãe de Jesus!

Toda a christandade em festa —maio eterno a refflorir— vassallagem lhe protesta, seu nome canta a sorrir!

Vibraram da minha lyra as rudes cordas tambem; por ti só, de amor suspira, ouve seus cantos, oh Mãe!

Campolide.

José M. Gomes Ribeiro.

Curiosidades

Pelo nariz. — Mozart, cuja *Flauta encantada* arrebatou os melomanos, gostava algumas vezes de fazer sua farçazinha. Um dia, Haydn encontrava-se com Mozart, seu jovem e já triumphante rival. O auctor de *Don Juan* disse-lhe:

—Mestre, aposto que não chegarei a executar um trecho de música que eu escrever.

Haydn aceita a aposta surrindo.

—Aqui está torna Mozart depois de acabar de escrever.

Haydn põe-se ao teclado, colloca a musica deante de si, e deixa correr os dedos. Admira-se da pouca difficuldade da composição; mas de repente:

—Oh! que é isto?... Tenho as mãos ambas empregadas, uma á direita, outra á esquerda, e... ha uma nota para fazer vibrar no meio. Não ha ninguem no mundo capaz de executar isto! Aqui ha erro!

Mozart ri-se da perplexidade do executante, que se levanta. Assenta-se no lugar deixado vazio e começa o trecho no primeiro compasso; continua sem se inquietar, e, ao chegar á passagem impossivel para Haydn, baixa um pouco a cabeça, apoia o nariz na tecla do meio, e prosegue sem mais embaraço.

Então Haydn confessa-se vencido, e, dando um piparote no jovem Wolfgang, diz:

—Vejo, meu caro amigo, que nos levareis a todos pelo nariz.

A conta dum pintor. — Ha poucos meses tornou-se público em França o seguinte curioso documento, que se diz ter sido achado num antigo mosteiro: é a conta, apresentada, ha uns cem annos, por um pintor que havia executado no claustro uns trabalhos miúdos.

Por corrigir e emendar os dez mandamentos de Deus 5 flor.

Por alindar Póncio Pilatos e pôr uma fita nova no seu barrete 3 flor.

Por pôr uma cauda nova no gallo de S. Pedro e consertar a sua cabeça 2 flor.

Por prender o bom ladrão á sua cruz e lhe pôr um dedo novo 4 flor.

Por substituir e dourar a asa esquerda do anjo Gabriel 4 flor.

Por lavar a creada do summo sacerdote Caiphas e pôr carmesim em suas faces 5 flor.

Pela renovação do ceu, por lhe accrescentar duas estrellas, dourar o sol e limpar a lua 7 flor.

Por avivar as chamas do purgatório e restaurar algumas almas 6 flor.

Por pôr uma cauda nova em Lúcifer, consertar a sua garrá da esquerda e fazer várias coisas novas para os condemnados 4 flor.

Por bordar de novo a túnica de Herodes, lhe pôr novos dentes e ajustar a cabelleira 2 flor.

Por consertar as calças de coiro de Annás e pôr dois botões na sua vestia 6 flor.

Por pôr polainas novas em Tobias, filho, na viagem com o anjo Raphael, e uma correia nova em seu aiforge de viagem 6 flor.

Por limpar as orelhas da burra de Balaam e a ferrar de novo 5 flor.

Por pôr brincos nas orelhas de Sara 2 flor.

Por pôr uma pedra na funda de David, augmentar a cabeça de Golias e recuar as suas pernas 3 flor.

Por pôr dentes na queixada do burro de Sansão 3 flor.

Por alcatroar a arca de Noé e dar a este homem justo um novo par de mangas 6 flor.

Por consertar a camisa do filho pródigo, lavar os porcos e posto agua na sua pia 3 flor.

Por pôr uma asa no cântaro da Samaritana 3 flor.

Total 78 flor.

Historia lamentavel dumá encomenda. — Não nos queixemos demais das nossas alfândegas: nos outros países ha tambem coisas curiosas. A prova é a seguinte divertida história, cuja victima foi um negociante da Colónia, que voltava á sua pátria após uma viagem pela Hollanda.

Na fronteira manifesta um soberbo pedaço de carne defumada, que um de seus amigos lhe dera como lembrança das especialidades hollandesas. O empregado da alfândega reserva a sua decisão!

«Esta carne defumada» diz elle «não poperá ser-vos entregue senão em Colónia, logar de vosso domicilio, onde primeiro será examinada pelo serviço sanitario.» Sentença, afinal de contas, legitima e conforme aos regulamentos. O negociante resigna-se. No dia seguinte, em Colónia, apresenta-se ao serviço sanitario:

—E' impossivel! respondem-lhe «satisfazer-vos! O pedaço de carne foi pesado: tem apenas tres chilos e meio, e não ha direito

de introduzir na Allemanha menos de quatro chilos de carne. —Então que hei de fazer?

—Tornar a remetter a carne para a Hollanda, mandar completar o pêso; e depois tudo receberis, se o serviço sanitario concordar.»

O negociante assim o cumpre: afinal ganharia meio chilo de carne.

Passado algum tempo, recebe aviso de ter chegado a encomenda. Mas ao mesmo tempo é avisado de que aquella carne defumada devia ser immediatamente reexpedida, á sua custa, para a Hollanda, visto que consistia em dois pedaços, dos quaes nenhum attingia o pêso prescripto!

Noticiario

Por alma de D. Carlos e Principe Real D. Luis Philippe. — Foi extraordinariamente concorrida a missa mandada celebrar na Collegiada pela Ex.^{ma} Camara, no dia 1 do corrente, em suffragio das regias victimas do ominoso attentado do Terreiro do Paço.

Foi celebrante o snr. conego dr. Moreira. Assistiram a camara, autoridades ecclesiasticas, civis e militares, titulares, regimento de infantaria n.º 20, associações, corporações religiosas, collegios, bombeiros voluntarios de Guimarães e Vizella, imprensa local, etc. etc.

A igreja não podia conter a enorme multidão que acorreu ali afim de prestar homenagem ás victimas do barbaro attentado.

Ao responso final presidiu o snr. conselheiro Dom Prior Manuel de Albuquerque.

No fim houve as descargas do estylo.

Durante a celebração do Santo Sacrificio a banda de infantaria 20 executou alguns trechos de musica apropriada ao acto.

Tuna Academica da Universidade de Coimbra. — Embora o tempo estivesse um pouco chuvoso, o povo vimaranense recebeu com toda a galhardia essa pleiade de rapazes cheios de vida e aspirações que fazem parte da Tuna Academica de Universidade de Coimbra, aclamando-os calorosamente na estação de Villa-Flor, abrindo-lhes os salões dos paços do concelho, saudando-os no edificio do lyceu, dando-lhes as boasvindas nos velhos paços dos Duques de Bragança pela voz eloquente do digno commandante de infantaria 20, snr. coronel Freitas Barros, e cumprimentan-os no salão nobre da S. M. Sarmento.

A' noite apresentou-se Guimarães no Theatro D. Affonso Henriques.

No palco e na sala reinava a mocidade.

Uma deputação da tuna visitou de tarde as associações que tomaram parte na recepção, a sede do Grupo de Propaganda «Por Guimarães» e a redacção do nosso collega local *Commercio de Guimarães* como decano dos jornaes Vimaraneses, onde se congratulou com a manifestação de sympathia que lhe havia sido feita pelo povo vimaranense, mostrando-se por isso altamente gratos.

Circulo Catholico. — O Grupo Dramatico «Gil Vicente» annexo a este Circulo, realiza hoje e na proxima terça-feira dois espectaculos com as engraçadas comedias «O Taborda no Pombal», «Não é o mel. . .» e «Os trinta botões».

Os espectaculos principiam ás 9 horas da noite.

Agradecemos o convite.

Uma aclaração. — O Grupo de Propaganda «Por Guimarães» constando-lhe que nenhuma banda de musica iria tocar no atrio da Sociedade Martins Sarmento durante a sessão inaugural da missão agricola «Conde de Agrolongo», o que no proprio dia ao meio dia lhe foi garantido por pessoa auctorizada, solicitou á banda Boa União para ir fazer gratuitamente esse serviço ao que ella prompta e entusiasticamente accedeu, isto em homenagem aos illustres benemeritos Conde de Agrolongo e Bento Carqueja, pelo grande melhoramento que ia iniciar-se.

Como porém á ultima hora fosse contractada a banda regimental para tocar no atrio da Sociedade, o Grupo solicitou sómente que a banda Boa União desse uma volta na cidade em signal de regosijo e fosse tocar de passagem á porta da Sociedade.

O Grupo faz esta declaração para que dos factos se não possa tirar outra conclusão para elle desprimorosa.

O Grupo torna publico o seu reconhecimento para com a banda Boa União, digna dos maiores elogios pela boa vontade e promptidão com que accedeu ao seu pedido.

Escola Agricola «Conde d'Agrolongo». — Como haviamos noticiado, realizou-se no passado domingo, 30 de janeiro, a sessão solemne de inauguração da Escola Agricola que o nosso benemerito conterraneo, snr. Conde de Agrolongo, mandou estabelecer nesta cidade.

A's tres horas da tarde, achando-se repleto o salão nobre da Sociedade Martins Sarmento, assumiu a presidencia o snr. dr. Abel de Vasconcellos Gonçalves, vice-presidente da direcção da S. M. Sarmento, que num bello discurso enalteceu a personalidade do grande benemerito, snr. Conde de Agrolongo, sendo muito applaudido. Em seguida convidou o snr. conego Vasconcellos, como representante da camara municipal, a presidir á sessão, accitando este senhor o honroso cargo, tendo como secretarios os snrs. Conde de Margaride e João Rodrigues Loureiro.

O snr. presidente discursou, mostrando a necessidade de todos cooperarem na labutação da lavoura, em que prevê ainda o maior factor da nossa riqueza.

Em seguida dá a palavra ao snr. Bento Carqueja, director do «Commercio do Porto» de quem faz a apresentação á assembleia que o acolhe com vivas acclamações de apreço e sympathia.

Sua ex.^a, usando da palavra, fez uma exposição circumstancia-

da no sentido de mostrar os resultados beneficos que se auferem, estudando detidamente o problema agricola.

Principiou o seu notavel discurso por prestar a maior e mais commovida homenagem ao snr. Conde de Agrolongo, pondo-lhe em destaque os seus feitos altamente humanitarios e philantropicos, que o elevaram á categoria do maior benemerito do nosso pais.

Demonstra depois o valor destas escolas, como a que se ia inaugurar, e cujos resultados têm sido sempre coroados com o maior exito.

Cita a proposito a Escola Agricola «Maria Christina» que nesta cidade funcionou e cujo resultado foi o mais satisfatorio possivel. Agradece seguidamente ao municipio, associações e a todas as pessoas que cooperaram para que a sessão solemne assumisse o brilho de que se viu revestida.

Com palavras calorosas agradece tambem á imprensa a maneira affavel como acolheu o nobre emprehendimento do illustre titular, snr. Conde de Agrolongo. A todos pediu o seu auxilio para que tam feliz ideia progrida, como é de presumir.

O snr. Bento Carqueja foi muito applaudido no final do seu primoroso e patriótico discurso.

Em seguida levantou-se o snr. presidente, que fez elogiosas e merecidas referencias ao discurso do snr. Bento Carqueja; agradeceu a todas as pessoas que concorreram para o brilho daquella festa de instrucção, e encerra a sessão levantando um viva ao benemerito Conde de Agrolongo, no que é entusiasticamente secundado pela numerosa assistencia.

A escola agricola tem funcionado com grande frequencia.

Oxalá que todos se compenetrarem das vantagens da bella e patriótica instituição do snr. Conde de Agrolongo!

Associação Commercial. — No edificio da Associação Commercial procedeu-se no dia 30 de janeiro á eleição dos corpos gerentes desta collectividade para o anno de 1910-1911, sendo eleitos por acclamação os seguintes señhores:

Presidente, João Gualdino Pereira; 1.º secretario, Domingos Martins Fernandes; 2.º dito, Augusto Pinto Arcias; thesoureiro, Antonio José de Oliveira.

Directores: Domingos Pereira Mendes, Domingos Teixeira Faria de Andrade e José Caetano Pereira.

Supplentes: Benjamim Constante da Costa Mattos e José Martins Leite.

EDUARDO MATTOS & IRMÃO

Braga

Grandes depositos de sal graúdo e miúdo, cal de todas as qualidades, gesso francês e cimento Portland, carvão para forjas, **Coke para cozinha**, carvão para machinas, anthracite, adubos chimicos, etc. Agentes exclusivos no norte do pais do carvão de Coke da Companhia do Gaz do Porto.

Completo sortido de palha triturada para animaes, enxofre em pedra e moido, sulphato de cobre, esteios de louza para ramadas, arame para as mesmas, azeites, manteigas, farellos, telha francesa, tubos de grez e muitos outros artigos.

Agente nesta cidade

Fernando Antonio d'Almeida

Rua de S. Damaso, 29—1.º andar

ATELIER DA MODA—DE OLIVEIRA RORIZ

93, Rua da Rainha, 97—GUIMARÃES

Estação de inverno. Chapéus para senhoras e creanças, segundo os ultimos figurinos de Paris. Exposição permanente. Variadissimo sortido Colletes de espartilho do Atelier portuense "A PRINCEZA,,

PREÇOS MODICOS.

Bibliotheca religiosa

Obras editadas pela empresa de «A RESTAURAÇÃO» e á venda na Typ. Minerva Vimaranesa — Rua de Payo Galvão — Guimarães.

Recordação dos meus estudos

Pelo autor do *Método para formar a infancia na piedade*. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com autorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

- 1.^a série—Um vol. de 46 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "
- 2.^a série—Um vol. de 50 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

Os beneficios da confissão

Por F. J. d'Ezerville, accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com autorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

- Um vol. de 60 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "
- Franco de porte.

Offício da Immaculada Conceição

Texto portuguez, com approvação ecclesiastica.
Um folheto de 32 páginas, em bom papel:
Preço 20 reis
Pelo correio, por cada 5 exemplares 10 "

As Bem-aventuranças evangelicas

Postas ao alcance de todos

Pelo Padre Deville, Doutor em theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de Faria, com autorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

- Um vol. de 64 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "
- Franco de porte.

Conselhos sobre a educação

Segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com autorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

- Um vol. de 112 páginas em 8.^o:
Em brochura 100 reis
Cartonado 160 "
- Franco de porte.

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ideis á missa ?

Opúsculo altamente louvado por sua Santidade Pio X e traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria, Professor no Seminario-Lycen de Guimarães. 2.^a edição autorizada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo Primás.

32 paginas, em 8.^o
Preço avulso **30 rs.** franco de porte.
Para propaganda, por cada 10 exemplares, remetidos pelo correio, 225 reis. Sendo o pedido de 100 exemplares, inclusivé, para cima, faz-se o preço de 20 reis cada um, franco de porte.



OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO, PAPELARIA E LIVRARIA

—DE—

Antonio Luis da Silva Dantas

Rua de Payo Galvão—Guimarães

Na officina typographica, montada com cerca de 240 colleções de typos, machinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, taes como: obras de livro e jornaes de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e obito; circulares, memoranduns, facturas, enveloppes e todos os demais impressos para commercio; mappas, mandados de pagamento, talões e varios outros impressos para repartições publicas civis, ecclesiasticas e militares; rotulos para pharmacia; etiquetas para fabricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programmas e bilhetes para espectaculos, etc., etc.
Impressões a côres, ouro, prata e chromotypographia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS

Na Officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papeis almaços, finos e de impressão, nacionaes e estrangeiros, objectos de escriptorio, caixas de papel de phantasia em diversos formatos, livros em branco, para commercio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos chimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondencia directa com os mais habéis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RASOAVEIS

Trabalhos perfeitos e rapidos

OUTRAS OBRAS DIVERSAS

Vida de S. Luis Gonzaga

Modelo e protector da mocidade catholica

Um vol. de 50 páginas, com uma linda capa illustrada que o torna recommendavel para premios á juventude:
Preço 80 reis
Pelo correio 35 "

Burgueses e operarios

Dialogo entre um socialista e um homem de bem

(Versão do francês)

Um volume de 118 páginas em formato elegante:
Preço 80 reis
Pelo correio 90 "

Nem de mais nem de menos

Romance moral humoristico, por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.

Um vol. de 108 páginas, em 8.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

Izabel

Por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.

Um volume de 156 páginas, em 16.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 reis

A Dictadura

Por Joseph Viand, Ensaio de philosophia social.

Um volume de 116 páginas, formato elegante:
Preço 250 reis
Pelo correio 270 "

O almocreve das petas

Por Spiritus Asper.
1.^a vol., com 125 páginas, em 8.^o:
Preço 80 reis
Pelo correio 90 "

Todas as requisições devem ser dirigidas a Antonio Luis da Silva Dantas e acompanhadas da respectiva importancia, em estampilhas de 25 reis ou vale postal sem o que não serão attendidas.

ALEM DOS LIVROS MENCIONADOS HA MAIS:

Bilhetes postaes illustrados

Colloridos, e em preto, variedades de gostos e preços modicos. Collecções da estancia thermal de Vizella composta de 14 exemplares, com 17 vistas escolhidas, optimo cartão e nitida impressão, a 150 reis.

Bilhetes postaes de propaganda religiosa

Com diversas imagens. Preço de cada um, 5 réis.
Em series de 20 ou mais exemplares, sortidos, faz-se a remessa franco de porte.

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHÓLICO

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Numero avulso	30 "

Preço das publicações

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
Reclamos, até 5 linhas	100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

O Coração de Jesus

SEGUNDO A DOCTRINA

DA

Beata Margarida Maria Alacoque por um oblato de Maria Immaculada, cappellão de Montmartre.

Tradução de R. F.

Introdução do Padre J. S. Abranches

Pedidos á Administração do *Novo Mensageiro*, Rua do Quelhas, 6, Lisboa. Preço: um volume de 316 páginas, largamente illustrado, 300 reis; pelo correio, 340 reis.

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHÓLICO

Ex.^{mo} Snr.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Antonio Luis da Silva Dantas, director e administrador de *A Restauração*.